

RUA ANTONIO EXEL

Decreto nº 5885 de 22-11-1979, Artigo 1º, Inciso III

Formada pela rua 16 do Jardim São Marcos
 Início na rua Júlia Lopes de Almeida
 Término na rua Adelino de Abreu
 Jardim São Marcos

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas, em Exercício, José Roberto Magalhães Teixeira. Protocolado nº 28.168, de 24-09-1979, em nome de Comissão de Nomenclatura de Vias e Logradouros Públicos.

ANTONIO EXEL

Antonio Exel nasceu em Darmstad, capital do Grão Ducado de Hesse, às margens do rio Carmann, pequeno afluente do rio Reno, na Alemanha, em 14-fevereiro-1814 e faleceu em Campinas, vitimado pela febre amarela, em 23-abril-1889. Foi casado com Margarida Exel e deixou descendência. Campinas, por volta do ano de 1880, possuía uma colônia alemã numerosa, tendo perto de três mil alemães na cidade, contando com cemitério próprio, e que foram, uma das alavancas propulsoras do progresso de nossa Campinas. Entre os membros da colônia germânica um nome se distinguiu, mercê os relevantes serviços que prestou à cidade: Antonio Exel. Foi ele o pioneiro do transporte de mortos aos cemitérios em Campinas. Antonio Exel, que popularmente era chamado também por Antonio Alemão, em 05-outubro-1858, requereu à Câmara Municipal, solicitando um privilégio de 10 anos para o transportes dos mortos ao cemitério, o que faria com um carro especialmente construído para essa finalidade. Conseguido seu propósito e vendo ser um negocio interessante, foi aperfeiçoando o serviço de transporte, adquirindo na Alemanha carros-fúnebres de gala. Em troca da concessão, fazia, gratuitamente, o transporte de indigentes. Em grande número de casos, Antonio Exel se via na obrigação de doar a mortalha que as posturas municipais exigiam para o enterramento, principalmente quando o enterro era de escravo, pois poucos eram os fazendeiros que atendiam às exigências. Sua casa e oficina de carpinteiro, localizava-se em amplo terreno na confluência da rua Álvares Machado com Benjamin Constant, ao lado do "Largo do Brejo do Poente" (onde hoje se situa o Mercado Municipal) que às vezes chamavam de "Largo do Antonio Exel" ou "Largo do Antonio Alemão". Teve outras atividades na cidade, consoante documentos da Câmara de Campinas: pagamento de serviços prestados, como profissional carapina, de concertos ou reforma na ponte existente na rua do Caracol (rua Benjamin Constant). Atribui-se a ele também, haver sido um dos fundadores do Gabinete Alemão de Instrução e Leitura, cujo fundador principal foi o professor Zink. Durante as epidemias foi de total dedicação, sendo, no entanto, uma de suas vítimas.

RUA ANTONIO EXEL



DECRETO N.º 5885 DE 22 DE NOVEMBRO DE 1.979.

DÁ DENOMINAÇÃO A VIAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito em exercício do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1.969 (Lei Orgânica dos Municípios Paulistas),

D E C R E T A :

Artigo 1.º - Ficam denominadas as vias públicas a seguir descritas:

I - RUA FILINTO DE ALMEIDA a Rua 1 do Jardim São Marcos e parte da Rua 18 do Jardim Santa Mônica, com início na Rua 18 do Jardim Santa Mônica e término na divisa do loteamento.

II - RUA JÚLIA LOPES DE ALMEIDA a Rua 15 do Jardim São Marcos e parte da Rua 18 do Jardim Santa Mônica, com início na Rua 18 do Jardim Santa Mônica e término na Rua 1 do Jardim São Marcos.

III - RUA ANTONIO EXEL a Rua 16 do Jardim São Marcos, com início na Rua 15 do Jardim São Marcos e término na Rua 20 do Jardim Santa Mônica.

IV - RUA FRANCISCO ARAUJO a Rua 19 do Jardim São Marcos e Rua 19 do Jardim Santa Mônica, com início na Rua 15 do Jardim São Marcos e término na Rua 18 do Jardim Santa Mônica.

V - RUA GUSTAVO STUART a Rua 22 do Jardim São Marcos, Rua 17 do Jardim Santa Mônica e Rua 7 do Loteamento Rural Campos dos Amarais, com início na rua sem denominação (Estrada dos Amarais) do Jardim São Marcos e término na divisa do Loteamento Rural Campos dos Amarais.

Artigo 2.º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 22 de Novembro de 1.979.

DR. JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA
Prefeito Municipal de Campinas em Exercício

DR. ITAGIBA D'ÁVILA RIBEIRO
Respondendo pela Secretaria dos Negócios Jurídicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.º 28.168, de 24 de setembro de 1.979, em nome da Comissão de Nomenclatura de Vias e Logradouros Públicos, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 22 de novembro de 1.979.

DR. ALFREDO MAIA BONATO
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito



RUA ANTONIO EXEL

Fatos Históricos

D 7010 - 20-3-100

Edmo Goulart

Há na Rua Bernardino de Campos uma casa antiga, que remonta a velhos tempos de nossa história, no capítulo dedicado aos mortos. Ali onde hoje é o número 649, mansão velharenga, nasceu e por muito tempo teve sua atividade a empresa de Antonio Exel, que, no seu ramo, se dedicava ao transporte de mortos para o Cemitério, sendo a pioneira nessa atividade ainda não explorada em Campinas.

E isso surgiu devido à distancia do cemitério e das enormes dificuldades que os acompanhantes tinham quando conduziam defuntos para aquele lugar.

Então é que o alemão Antonio Exel, querendo explorar esse serviço, requereu à Câmara Municipal em 5-10-1856, pedindo um privilegio de 10 anos para explorar aquele comercio isto porque pretendia construir um carro fúnebre para o transporte de cadáveres ao cemitério, que estava situado onde hoje se encontra o Jardim Correa de Lemos, na Vila Industrial.

No referido requerimento pediu, mais, que, no caso de que a Câmara não pudesse conceder esse privilegio a bem do público, se encarregasse de obter da Assembleia o dito privilegio, sendo sua pretensão deferida, em virtude da necessidade da criação de uma empresa nesse ramo que de há muito tempo (12 anos) vinha sendo reclamada pelos habitantes de Campinas.

Conseguindo o seu objetivo tratou de construir logo um carro para esse transporte. Vendo que o negocio era interessante, tratou de o aperfeiçoar, adquirindo da Alemanha carros-fúnebres de gala para tal serviço.

Ao mesmo tempo fazia o transporte de indigentes graciosamente em troca daquela concessão.

O serviço que Antonio Exel fazia era apenas conduzir os cadáveres, pois havia os armadores de caixões que tratavam desse ultimo serviço e lhe davam aquele que começou a funcionar a partir do ano de 1859.

Sua empresa ficava na casa de

que falamos acima, onde guardava os carros e os animais, e quase toda aquela quadra era de propriedade dele.

Em 1862, a Câmara Municipal, por indicação do vereador José de Souza Campos, oficiou ao Delegado para este opor algumas providencias contra o abuso praticado por Antonio Exel de conduzir cadáveres vítimas das hexigas para o cemitério sem a minima cautela achando por isso que contribuia para continuação do flagelo na cidade.

Mas Antonio Exel não procedia daquela forma com o intuito de propagar o mal, pelo contrario, era pessoa que não tinha cuidado de desinfetar os carros, porque não temia contrair a doença.

Assim que tomou conhecimento, agira como determinara o Delegado.

Por ocasião da febre amarela, mandou sua familia para fora de Campinas, mas ele aqui ficou para continuar seu serviço, o qual não podia sofrer solução de continuidade, pois que os que morriam deviam ser levados para o ultimo berço, já nessa época, no "Cemitério do Fundão", hoje com o nome de "Cemitério da Saudade".

E foi assim que contraiu a terrível enfermidade, vindo a morrer em 23 de abril de 1889, no auge da epidemia, nos fundos de um quintal, quando ia pegar um defunto vitimado pela peste aquele que foi o precursor do atual sistema de enterros em nossa cidade.

Antonio Exel era casado com Dona Margarida Exel e deixou filhos.

Nasceu na Alemanha, aos 14 de fevereiro de 1314.

Está sepultado no interior da quadra 20 do Cemitério da Saudade, quadra que, com a 18 e 24, eram conhecidas antigamente por "A", "B" e "C" por se tratar de quadras reservadas para enterramentos de alemães.

Como nota derradeira, convem se deixe anotado que, alem dos carros fúnebres, Antonio Exel mantinha na praça veiculos de aluguel para passeios.

(Denominação dada pelo Decreto nº 5885, de 22-novembro-1979, à rua 16 do Jardim São Marcos, com inicio na rua 15 do Jardim São Marcos (atual rua Julia Lopes de Almeida) e término na Rua 20 do Jardim Santa Mônica)



Quem compulsar as atas manuscritas da Câmara Municipal de Campinas, que cobrem os anos de 1860 a 1890, terá ensejo de encontrar, vez por outra, o nome de Antônio Exel. A primeira referência ao cidadão em apêço, que se nos deparou, fôra a propósito de uma sua petição, à Edilidade, para que lhe providenciasse o pagamento de serviços prestações, como profissional carpinteiro, de concertos ou reforma na ponte existente algures da Rua do Caracol (futura Benjamin Constant). De outra feita, requeria Antônio Exel, à mesma Câmara, lhe fôsse concedido, por dez anos, o serviço de transporte de defuntos ao cemitério (de localização incerta), em carreta própria e de sua invenção.

Interessados, na ocasião, na busca de informações outras, nas ajudadas atas manuscritas da Câmara, guardamos apenas de memória aquelas referências a Antônio Exel. Mais tarde, viemos a saber, que natural da Alemanha, aqui fixado desde data imprecisa, e com família, o cidadão Exel tinha a sua casa de moradia e oficina de carpinteiro na confluência das ruas Alvares Machado e do Caracol, frente ao amplo terreno baldio e pantanoso, onde se construiria em nosso século o Mercado Municipal.

Tôda aquela ampla baixada, junto a qual se instalara Antônio Exel, se denominava oficialmente "Largo do Bréjo do Poente", para não confundir com o Bréjo mais ao centro, cuja área recebera o nome de "Largo do Bréjo do Nascente", e que se estendia por tôda a atual Avenida Anchieta, conhecida então por Rua do Bréjo.

A POPULARIDADE DE ANTONIO EXEL

As notícias, afinal por nós recolhidas, sobre o homem que introduziu a moda do carro fúnebre, em Campinas, demonstram-nos que não se tratava de um artifice qualquer. O Exel, já ali pela década de 1860, se tornara popular o bastante para que o povo o identificasse com o "Largo do Bréjo do Poente", que passou a ser apelidado extra-oficialmente por "Largo do Antônio Exel", ou do "Antônio Alemão". Num requerimento do Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, à Câmara de vereadores, para que se instalasse um chafariz para fornecimento de água à população, algures daquêle terreno baldio, anotou-se o local como "Largo do Antônio Alemão".

Cidadão que podemos qualificar muito acertadamente de prestante, que ele em verdade o foi, para a cidade e seu povo, em mais de um setor de atividade, mesmo em sua função de transportar defuntos ao cemitério deixou registro de fatos interessantes, que abonam a sua conduta.

A EXIGENCIA DE MORTALHA PARA O SEPULTAMENTO DE CADÁVERES

Costume provavelmente de tradição remota, mas hoje inteiramente esquecido, e até ignorado, foi o de unicamente dar-se sepultura a um cadáver envolto em mortalha. Pelo menos no cemitério de Campinas, tal usança prevaleceu até os anos que antecederam a terrível epidemia de febre amarela.

Em fevereiro de 1879, Antônio Exel requereu à Edilidade Campineira as necessárias providências, para o caso que passamos a resumir:

Declarando que se encarregará do enterramento "de escravos e outras pessoas miseráveis, muitas vezes sem atribuição alguma", relatava o Exel que nem sempre os defuntos a ele confiados vinham envoltos em mortalha, o que o obrigava a comprar as ditas mortallas, porquanto do contrário não conseguia o zelador do cemitério permissão para os sepultamentos.

Julio MARIANO

O que solicitava aos vereadores, Antonio Exel, é que a Câmara intercedesse junto aos fazendeiros e senhores de escravos, para que quando remetessem para a cidade o corpo de um de seus colonos ou de seus escravos, não se esquecessem da necessária mortalha.

A êsse requerimento, a Câmara Municipal, então presidida pelo Dr. José Bonifácio da Silva Pontes, firmou: — "Já providenciado", datado de 24/2/79.

A COMPANHIA DO BONDES DE BURRO E OS SERVIÇOS DE TRANSPORTE FUNERÁRIO

Embora tenha sido o primeiro a dotar a velha Campinas de uma carreta fúnebre, nem por isso procurou Antônio Exel impedir a outros a exploração de um tal serviço. A concessão que obtivera, da Câmara, para o transporte de defuntos, não fôra além de uma década, e teria certamente findado antes de 1880.

No ano de 1886, quando de lá muito a necrópole do Fundão se tornara o cemitério oficial e único de Campinas, a Companhia Campineira Carris de Ferro, inaugurada em setembro de 1879, pleiteou junto ao governo municipal a encampação dos transportes fúnebres.

O que pretendia naturalmente a Carris de Ferro, com os seus bondes de burro, era algo que compensasse o prolongamento de seus trilhos, na Rua das Flores (Rua José Paulino) até o Fundão, bairro que além do cemitério só oferecia uma imensa gleba, inculta, com os seus cupins e barba de bode.

A pretensão da Companhia Carris de Ferro contou, desde logo, com o parecer favorável do Procurador da Câmara. A aprovação, pelos nobres edis, da entrega do transporte fúnebre, com exclusividade, à empresa concessionária dos serviços de bonde de tração animal, parecia estar já decidida, porquanto em agosto de 1886 se negou a Edilidade a atender ao apêlo do cidadão Ernesto Wage, "proprietário de carros fúnebres e outros", para que não cerceasse a "liberdade de trabalho" a quem, desde há anos, se achava à disposição do público, sem deixar de pagar os seus impostos.

Meses decorridos, no entanto, precisamente em janeiro de 1887, era o Antônio Exel quem comparecia perante a Câmara, com um requerimento próprio, de protesto ao pretendido monopólio do serviço de transporte fúnebre, pela Companhia Campineira de Carris de Ferro. E o que não conseguira o Ernesto Wage, obteve o velho Exel: a Edilidade, empossada nesse mesmo mês de janeiro de 1887, foi contrária à entrega dos transportes fúnebres à empresa dos bondes de burro, em prejuizo dos particulares proprietários de carros para enterros. E foi talvez por isso que os trilhos da Carris de Ferro estacionaram definitivamente ali junto à Caixa d'Água, começo da Avenida da Saudade.

Desfrutando de consideração e estima dos campineiros de sua época, sem distinção de classe ou fortuna, em 1881 foi o cidadão Antônio Exel solicitado a chefiar uma comissão de moradores locais, para uma representação à Câmara, compelindo-a a fazer sentir ao governo da Província o quanto necessitava a cidade de mais numeroso contingente de soldados da Força Pública, para um mais amplo e ativo policiamento, que fizesse frente aos ladrões cujos assaltos às propriedades eram constantes.

Dessa comissão, encabeçada por Antônio Exel, entre outros cidadãos de destaque participaram Bento Quirino dos Santos e Francisco de Camargo Pentecado. O abasileirado alemão soubera conquistar os "homens bons".

Não tivemos em mãos nenhum documento que precisasse a data do falecimento do mui prestante cidadão Antônio Exel.

AM

RUA ANTONIO EXEL



Quando se perslustram as paginas da história de Campinas e documentos religiosamente conservados, consultando se nos dias de hoje os velhos papeis que tudo registram com fidelidade, deparamos com nomes, que, agora, infelizmente, não tem -- nem tradiçao para contar quem foi, ou o que se passou em -- prôças eras. Desaparecem papeis e documentos na voragem do tempo, os nomes foram se apagando e muitas memorias que poderiam dmonstrar homens de valor que foram úteis á cidade e aos seus semelhantes, já foram levados levados pelo vento impiedoso do esquecimento e da muita já vontade com quem -- muitos olham, sem carinho, o passado de uma cidade nobre sobre como Campinas. Há dias, lembramos o nome de um cidadão -- que não sendo campineiro, teve, no entanto, instantes de piedade infinita pelos infelizes que nem mesmo um lençol tiveram para serem carregados para sua última morada, como era de destume antigamente. Contam os velhos papeis de nossos -- arquivos que a colônia alemã foi muito numerosa em Campinas a ponto de ter a cidade em 1880, perto de 3.000 cidadãos loiros da cidade de Berlim e outras do grande império alemão, destacando se no setor da benemerência cidadãos como -- Francisco Kuffe que foi Cônsul do País amigo durante algum -- tempo em Campinas, além do de nome Francisco Krug, que igualmente se salientou em inúmeras campanhas, principalmente para a fundação de um cemitério de acatólicos, ao lado de Alberto Miller que chegou a desempenhar o cargo para a época muito -- importante de Delegado de Polícia, tendo mais a cidade uma Sociedade de Arcabuzeiros, integrada por vetustos cidadãos da -- lendária terra da Eurôpa. Prova está cá na rua Germânia, que -- tanto honra as vias publicas campineiras. Queremos destacar -- no entanto o nome de Antônio Exel, no setor da bondade e da -- benemerência, muito serviçal apessár de sua origem modesta, -- , o que não o impediu para que durante muito tempo montass -- ele uma Casa de Armador que hoje corresponde a Empresa Funerária. Aqui igualmente tivemos um senhor Virgilio de Paula Pedroso que fundara estabelecimento idêntico em 1887, ou Ernesto Wage, em 1884. Fazia tempo que anteriormente a este ultimo ano-



Campinas contava com carros funebres para transportes de nossos mortos queridos, entregue o serviço a varios cidadãos, além de Antônio Exel, a quem, em pouco tempo a cidade batizada com a alcunha de Antonio Alemão. Exel era cidadão nascido em Barmstad e para cá viera muito moço, ainda, deixando aquela cidade do Império alemão, Capital do Grão Ducado de Hessen, às margens do Carmann, pequeno afluente do Reno cujo nome fora mencionado pela primeira vez em começos do século VIII. A verdade é que segundo se sabia, sem confirmação de nossa parte, -- pois que história para nós é documento, é que Antônio Exel fora um dos fundadores do Gabinete Alemão de Instrução e Lettura, onde se destacou como principal fundador que foi, de direito e de fato, o queido professor Zink, cujo nome chegou até -- nossos dias consagrado pela sua presença á frente daquele estabelecimento de ensino. Antônio Alemão sempre apareceu na cidade de Campinas no triste setor dos enterramentos, mantendo em sua casa preços modestos, nada cobrando aos indigentes ou aos pobres quem não tinham nem onde cair mortos... E sabe se -- que em 1822 uma sepultura custava 320 réis, um caixão catorze -- contos de réis "quando apresentado com taxas douradas e prêtas." Eram valores cobrados pelos armadores, um dos primeiros de então Vila de São Carlos. de nome Antônio Pinto Cardoso Malheiro. A verdade é que mais do que a tradição de nosso passado que se liga mais intimamente a Antonio Exel ou Antonio Alemão se refere com um dos pioneiros na arte que, pensamos, ser difícil na confecção de caixões para defuntos. Nosso biografado já em 1862 fora chamado até pela policia por que transportava cadáveres -- de hansenianos em seus carros e durante o dia, atentando contra principios de higiene, então, apontadas pelas nossas posturas municipais como proibidas. Isso em nada diminui no entanto o valor de Exel que, pela grandeza de seu coração, principal apanágio do homem que a Alemanha nos enviara há algum tempo, cuja vontade -- era, justamente, e de proceder a enterramentos sem cobrar um ní -- wuel, ou vintém que fosse, moeda daqueles dias. A verdade é que -- ninguém pode contestar o que se escreve nos dias de hoje. Esse -- gesto de bondade Exel manteve até os ultimos dias de sua vida,

fls.3



, tendo sua morte ocorrida em 23 de abril de 1889, justamente quando a cidade mais reclamava seus serviços para sepultar as desditosas vítimas do mal que sacrificou o nome de Campinas, quando justamente seu nome seria aclamado como futura Capital do Estado de São Paulo. Queremos ressaltar, finalizando estas notas, solicitando uma rua com o nome de Antonio Exel que em nossos dias existem descendentes seus que muito se destacaram e destacam em nosso meios escolares e sociais, como o da sra. d. Silvia Simões Magro e Ciro Exell Magro, que mantêm na tradição da cidade o nome honrado de seu ancestral.